



SCHROCK, A. Examining social media usage: technology clusters and social network site membership. *First Monday*, Chicago, v. 14, n. 1, jan. 2009. Disponível em: . Acesso em: 3 dez. 2011.

VIOLÊNCIA E REPRESSÃO: O CASO DA EXPLOSÃO DO CINEMA APOLLO XI NA CIDADE DE CAJAZEIRAS-PB EM TEMPOS DE DITADURA CIVIL MILITAR (1975)

Lucas de Lima Cesar

Estudante de Graduação em História-UFCG

Lucas.lima@estudante.ufcg.edu.br

Jonas Alexandre Ferreira

Graduado em História-UFCG

Jonas.alexandre@estudante.ufcg.edu.br

RESUMO: O presente artigo objetiva investigar a partir das fontes disponíveis, as múltiplas versões sobre o caso da explosão do Cinema Apollo XI, na cidade de Cajazeiras-PB, durante o governo militar, ancorado nos pensamentos dos autores Carlos Fico e Lucília de Almeida Neves Delgado, estes, referência na discussão sobre o golpe militar de 1964 e os anos posteriores. Buscamos ainda compreender por meio de produções cajazeirenses as interpretações que os pesquisadores locais possuem acerca do ocorrido. Analisando para isso o documentário local intitulado “*segredos e mistérios do cine Apollo XI*”, bem como partes do relatório da comissão da verdade Paraibana, que se dedicou a estudar o evento. No entanto, Apesar das interpretações levantadas neste trabalho, assim como em outros já produzidos, ainda não se conseguiu chegar a uma conclusão efetiva sobre as motivações que levaram ao atentado.

Palavras-chave: Explosão; Cinema Apollo XI; Cajazeiras-PB; Governo Militar; Interpretações locais.

INTRODUÇÃO

As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas na América Latina por diversas transformações advento da Guerra Fria e da Revolução Cubana que para alguns eram tidos como uma grande ameaça comunista. É diante deste contexto de convulsão ideológica que vão emergir governos militares apoiados pelos Estados Unidos em vários países latino-americanos a



exemplo; Chile, Argentina e o Brasil, que viveu sob 21 anos o governo militar entre 1964 e 1985.

O golpe militar de 1964 no Brasil não ocorreu de repente, e para fundamentar essa ideia utiliza-se aqui o artigo “*o governo de João Goulart e o golpe de 1964: da construção do esquecimento as interpretações*” da Lucília de Almeida Neves Delgado. Neste trabalho a autora nos apresenta abordagens historiográficas sobre distintas compreensões acerca do golpe militar, entretanto um dos pontos muito discutidos por historiadores da nova geração, e aqui evocamos Carlos Fico, são os pesquisadores que discordam das teses conspiratórias e econômicas, das quais são amplamente difundidas no senso comum.

Para compreendermos tal magnitude as teorias de curto prazo acerca da deposição de João Goulart e o início do golpe, precisam ser revistas e para esses autores é necessário que entendamos que o golpe e as insatisfações políticas não foram algo daquele momento, diga-se o contexto da Guerra Fria, os embates na política brasileira vinham desde a deposição e morte do então Presidente Getúlio Vargas em 1954.

Em um primeiro momento é necessário compreender que não foram apenas as capitais ou os grandes centros urbanos que sofreram os impactos da ditadura militar, cidades interioranas também foram atingidas e se fizeram de resistência às medidas arbitrárias dos novos governantes antidemocráticos. O recorte deste trabalho compreende um acontecimento na cidade de Cajazeiras PB, onde por questões ainda desconhecidas apesar de inúmeros debates entre historiadores e outros cientistas da área nunca se chegou a uma conclusão acerca de quem foram os responsáveis pela explosão de um cinema local com uma bomba relógio cujo alvo era o bispo Dom Zacarias Rolim, dono do cinema.

O trabalho busca investigar a memória coletiva por meio das narrativas historiográficas apresentadas acerca desse ataque, tendo em vista que mesmo muitas pessoas conhecendo o assunto na localidade, não se tem informações conclusivas sobre os processos, assim como muitas vezes apresentam uma posição ingênua da explosão e sem correlacionar com as forças que existiam e predominavam no momento, será a investida ao cinema e ao bispo uma tentativa de grupos de esquerda frente a resistência do governo e de suas medidas autoritárias? ou seria mais uma tentativa dos militares da linha dura para permanecer no poder do qual já se encontravam,? ou apenas alguma rivalidade pessoal contra o bispo?



O presente ensaio está dividido em três momentos: No primeiro, ele apresenta uma breve historicização acerca do acontecido bem como apresenta as primeiras hipóteses analisadas pelos grupos que se propuseram a estudar o caso; a segunda parte da pesquisa se propõe analisar as narrativas construídas acerca do documentário publicado por historiadores, sociólogos, sobreviventes e repórteres na cidade de Cajazeiras-PB, intitulado *Segredos e mistérios do Cine Apolo XI*, e por último apresenta-se a versão narrativa do atentado ao cinema a partir da comissão da verdade paraibana que também passou a analisar os fatos, sendo uma das pesquisas que mais conseguiu avançar tendo em vista que tiveram acessos a alguns documentos do antigo sistema nacional de informação aliado ao DOI-CODI.

1- A DITADURA NO CENÁRIO NACIONAL E A EXPLOSÃO DO CINEMA APOLLO XI EM CAJAZEIRAS-PB (1975)

Primeiramente, cabe destacar que sem dúvidas a administração do então presidente Emílio Garrastazu Médici foi um dos momentos mais repressivos dentre os governos militares, como nos afirma Carlos Fico (2019) em seu livro *História do Brasil Contemporâneo: da morte de Vargas aos dias atuais*, no capítulo intitulado: Violência repressão e sociedade, para o autor essa fase correspondeu a muitas prisões, torturas e desaparecimento. No campo e nas cidades, o aparelho repressivo estatal ampliava e modernizava-se, assim como o desenvolvimento de centros de informações eram expandidos, são destaques a Operação Bandeirantes (OBAN), Comando de Caça aos Comunistas (CCC), entre outros.

Depois de Médici, um novo general assumiu o poder, Ernesto Geisel, que era um representante de uma linha moderada das Forças Armadas e favorável a uma abertura política que culminaria na devolução do poder aos civis. Entretanto, os militares da "linha dura" detinham ainda grande influência no aparelho do Estado, pois eram eles que controlavam os principais órgãos de segurança. Na impossibilidade de confrontá-los, Geisel prometeu fazer uma abertura política "lenta, gradual e segura".

No interior do Brasil a situação não era diferente, na Paraíba a notícia da reabertura política animou setores populares do estado. É diante disto e compreendendo o recorte do trabalho, que partiremos para a cidade de Cajazeiras, no interior do estado, que também foi palco de resistência mediante as arbitrariedades dos militares, onde o fato do cinema permanece



em completo vazio, uma vez que todos os documentos disponíveis foram levados para Brasília, tirando a possibilidade de pesquisadores locais investigarem o atentado.

O cine- teatro Apollo XI, foi fundado pelo bispo dom Zacarias Rolim de Moura, na época já idoso, e um fanático por cinema, era um grande frequentador das sessões. No dia 02 de julho de 1975, boa parte da população já dormindo, desperta com um barulho estrondoso por volta das 21 horas da noite, tal barulho foi à bomba que acabara de explodir no cine teatro Apollo XI.

Atualmente discute-se a autoria desse possível atentado, segundo alguns jornais da cidade como, por exemplo, “Coisas de Cajazeiras” acredita-se que o episódio tenha sido orquestrado pelos próprios integrantes da ala militar, principalmente os que se posicionavam contra a abertura política, proposta pelo então presidente Geisel, dessa forma discute-se também outras possibilidades, tendo em vista que Cajazeiras era palco de resistência, principalmente por fazer divisa com outros estados nordestinos, segundo esses, a bomba foi colocada por grupos de esquerdas radicais que se posicionavam contra o Bispo, tido por muitos como conservador e simpatizante dos governos militares.

Com o objetivo de rememorar esse fato aos cajazeirenses, o Portal CZN criou uma reportagem contando como sucedeu, na qual dizia:

A quarta-feira, 2 de julho de 1975, tinha sido mais um dia comum na vida simples e bucólica de Cajazeiras, então com 40 mil habitantes. Cinema era a maior diversão e mais de 40 espectadores tinham acabado de assistir ao filme Sublime Renúncia, no Cine-Teatro Apolo 11. Uma parte saiu antes do final. A cadeira cativa de dom Zacarias Rolim de Moura estava vazia inclusive ele se encontrava fora da cidade, mas debaixo dela havia uma pasta modelo 007. Na varredura final do auditório, antes do fechamento do cinema, Geraldo Galvão encontra e entrega ao soldado Didi a pasta abandonada. A explosão que sacudiu a cidade e assustou a população foi uma questão de segundos. Na curiosidade, ao abrir para saber de quem era, Didi puxa de dentro algo que imagina ser um gravador. A poucos metros, Manuelzinho grita: não mexe, é uma bomba. No susto, Didi soltou a bolsa no chão. O impacto do poder explosivo da bomba-relógio arrancou-lhe as pernas e o levaria à morte, juntamente com Manuelzinho. Os dois Geraldos ficaram mutilados. O agente federal disse a mim que tinha 15 minutos ainda para ela explodir. Se ele (Didi) tivesse colocado devagarzinho no chão e se afastado, tinha evitado a morte. No dia seguinte, um avião da Força Aérea levaria oficiais do IV Exército, com sede no Recife, e o comando e investigadores da Polícia Federal e da Secretaria de Segurança Pública da Paraíba a Cajazeiras. A cidade viveu 30 dias de suspense e temor de um novo atentado. (Portal CZN, 2011)



Aqui na Paraíba a imprensa apresentava duas versões, a primeira de um atentado de esquerda cujo objetivo era matar o bispo Dom Zacarias Rolim de Moura, e em oposição e com apoio do então MDB (Partido de oposição aos militares) isso havia sido um ataque da direita com objetivo de incriminar os movimentos de esquerda e criar um sentimento de desestabilização política, surgindo como uma forma de aviso, para denunciar que o Brasil não estava preparado para uma abertura política, ou seja, a transição do poder para os civis. A pergunta que fica é, a quem interessava a morte de Dom Zacarias Rolim?

Em 1986, na prefeitura de João Pessoa, o ex-prefeito de Cajazeiras, Abidiel de Souza Rolim, foi apresentado por intermédio de um amigo ao general Antônio Bandeira, militar da linha dura, nesse mesmo encontro e ao final da conversa o militar acabou por afirmar que o ataque em Cajazeiras foi muito semelhante ao da OAB e do RIOCENTRO, uma vez que esses também teriam sido organizados pelos militares para mostrar a qualquer custo que o país não estava pronto para a abertura política proposta pela ala moderada do regime militar, e claro, culpar a esquerda por todas essas explosões.

Em Cajazeiras no momento do atentado algumas vítimas foram imediatamente presas, contudo nos depoimentos as suspeitas iam decaindo, visto que o objetivo era matar o bispo, atribuir a culpa a esquerda e endurecer o regime que no final da década de 1970, já mostrava seus primeiros sinais de crise. Torna-se impossível para o autor deste trabalho apresentar uma resposta sobre quem foi/foram os responsáveis, tendo em vista que não se encontram documentos disponíveis aqui. O objetivo é problematizar a quem interessava tais ataques, assim como apresentar as narrativas historiográficas acerca de pessoas que vivenciaram ou estudam o acontecido.

2 – LUZ, CÂMERA, AÇÃO: UMA ANÁLISE DO ATAQUE AO CINEMA NAS VOZES E MEMÓRIAS CAJAZEIRENSES

Segundo Le Goff em seu livro *História e Memória*, a memória tem suas formas e seus poderes de conservar as informações para que o passado não seja destruído ou esquecido, é preciso que façam dela e da história um eterno processo de consciência humana. Para o Jornalista cajazeirense Nonato Guedes, a memória é fundamental para a dinâmica transformadora por mais que tenham sido vivências dolorosas, trágicas ou polêmicas é



necessário compreender a memória e entender que Cajazeira não está à parte, não é um povo sem identidade, mas sim um povo cuja história precisa ser analisada, investigada e escrita para que nossos conterrâneos possam compreender os processos de transformação e resistência de nosso povo.

É mediante a importância da discussão da memória e da busca de análises historiográficas que foi publicado no Youtube em 22 de fevereiro de 2020, como projeto do FUMINC, fundo municipal de cultura, o documentário intitulado “*segredos e mistérios do cine Apollo XI*” de 28 minutos e 25 segundos, dessa produção participam pessoas que testemunharam ou dedicaram-se a estudar o acontecido, por meio de depoimentos os seguintes participantes abordam a discussão: Padre Gervásio Queiroga, a Jornalista e professora universitária Mariana Moreira, o advogado Saulo Péricles, os Historiadores Chagas Amaro e José Antônio, e por último o repórter entrevistador José Dias Neto.

O primeiro a falar é o historiador Chagas Amaro, para ele o momento já era tenso visto a abertura política proposta pelo então general Geisel, Cajazeiras também vivenciava a expectativa do fim do autoritarismo. Segundo o historiador a abertura não era bem recebida pelos militares da chamada linha dura e que esse atentado não foi apenas em Cajazeiras, mas no Brasil todo cujo objetivo era num primeiro momento culpar a esquerda. É consenso entre eles que os atentados foram orquestrados pela direita e que a explosão com a bomba ao Apollo 11 está diretamente ligada a esse contexto, contudo, apesar de não acreditar na hipótese que vai comentar, ele afirma que poderia ser que o autor do crime não fosse alguém engajado politicamente nos grupos de direita, mas que ainda assim teria ligações com essa ala, visto que tais atentados eram um padrão nacional.

Para o historiador José Antônio, o próprio Dom Zacarias, alvo do atentado dizia ter conhecimento de um fato que revelasse o autor do crime, porém morreu sem nunca anunciar. O historiador suscita as mesmas perguntas, por que Dom Zacarias? a quem interessaria esse ataque, à direita ou à esquerda? Será que Dom Zacarias não seria apenas um pretexto para tal?

Segundo a jornalista e professora universitária Mariana Moreira é necessário investigar alguns pontos, como por exemplo, porque um cinema da diocese e para que seria esse ataque, para chamar a atenção? Era algo que era contra o bispo e não um atentado político? Era uma questão de descontentamento local? Por que não uma bomba em outras cidades bem maiores



para conseguir uma maior visibilidade? Ainda segundo a jornalista é necessário investigar os inquéritos militares, para ela a bomba tinha toda uma motivação política mediante o estado em que se vivia já que também é necessário compreender que Cajazeiras era vanguarda na resistência contra o regime militar.

Ainda para o historiador José Antônio isso não foi organizado por ninguém de Cajazeiras, já que estudos indicam que particularmente o padre não tinha nenhum inimigo na cidade. Acerca dos demais integrantes da produção, dentre as falas dos sobreviventes, uma delas nos chama atenção. Segundo Galvão, 15 minutos antes do final do filme a fita teve um problema da qual não conseguiu exibir por completo, em junção a isso a bomba explodiria aos 15 minutos finais do término do filme, do qual é possível perceber uma grande coincidência. Isso nos traz algumas possibilidades de pensarmos a quem interessava a fita ter parado de pegar nos 15 minutos restantes, seria para que algumas pessoas pudessem sair e o bispo permanecer para averiguar o caso?

Percebe-se que em torno dessas falas dos sobreviventes e dos interrogados surgem inúmeras outras questões, como no caso de Geraldo Galvão que foi interrogado e pressionado para que dissesse (segundo ele) respostas das quais não sabia, por exemplo: como fizeram a bomba e como colocaram. Observa-se em todas as falas dos participantes do referido documentário que se posicionam concordantes que tal atentado se configurou como uma prática de direita. Contudo, o estudo ainda se torna vago pela ausência dos documentos militares que não se fazem presente na cidade do ocorrido.



Figura 01: imagem retirada da internet-momento em que os feridos da bomba são socorridos. Fonte: blogspot Cajazeiras, 2017.



Figura 02: imagem retirada da internet- jornal relembra atentado ao cinema Apollo 11 em 2017
Fonte: blogspot Cajazeiras, 2017.

3 – A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO: O ATAQUE AO CINEMA NAS FOLHAS DA COMISSÃO DA VERDADE PARAIBANA (2017)

A comissão estadual da verdade e da preservação da memória do Estado da Paraíba CEVPM-PB foi criado por meio do decreto nº 33.426, de 31 de outubro de 2012 instituída aqui na Paraíba no governo de Ricardo Vieira Coutinho em 2013. A organização tinha como objetivo buscar esclarecimentos acerca das arbitrariedades cometidas pelo regime civil militar em terras paraibanas. A comissão da verdade da Paraíba também buscou investigar o atentado ao cinema Apolo XI em Cajazeiras, produzindo em 2017 o relatório que contém 748 páginas sobre os mais diversos ataques à democracia e a população civil nos anos de 1964 a 1985.

Dividido em grupos para realização das pesquisas, um deles ficou responsável por analisar o fato do atentado, a CEVPM-PB buscou o contato com familiares das vítimas para entrevista, porém não conseguiram já que os telefones repassados nunca atendiam as ligações, como fonte utilizaram reportagens da *internet* e pesquisas em jornais da Paraíba e de Pernambuco, assim como foram em busca de informações no SNI (Serviço Nacional de Informações) do qual obtiveram poucos dados.

Os relatórios apresentaram de dados novos algumas desavenças entre o bispo Dom Zacarias e os clérigos locais, o relatório em sua página 702 também aponta que o ataque teve como participante os subversivos do Ceará, os quais também foram indiciados para apurar as denúncias. O documento também narra o processo de abertura do inquérito da polícia federal da Paraíba acerca do ocorrido. Descrevendo como se deu as investigações feitas em conjunto



com diversos agentes do DPF (Departamento da Polícia Federal) a descrição do inquérito policial, assinado pelo delegado Manoel F. de Souza Leão Neto:

Afirma ter se deslocado até aquela cidade e “promoveu rigorosa investigação, não logrando, entretanto, levantar qualquer pista que pudesse levar ao autor (ou autores) do atentado”. Menciona as testemunhas ouvidas no inquérito: Edinice Casar Rolim; Epitácio Gadelha Rocha; José Alves Pereira; José Viana de Souza; Dom Zacarias Rolim de Moura; Maria Alves Cartaxo de Souza; e João Bosco Braga Barreto, afirmando que a maior parte não estava no local no momento que ocorreu a explosão. Cita os nomes das pessoas que estavam no Cinema Apolo XI no momento da explosão, como Francisco de Assis Pereira dos Santos; Geraldo Galvão de Souza; Altino Saturnino da Silva; Geraldo Justino Contado; e Francisco Valdeberto de Lira, informando que foi realizado um exame de corpo delito nos três primeiros. (CEVPM-PB, 2017p.702).

Segundo a comissão, em rumores criados no momento, apontaram o padre Francis Xavier conhecido como “mister boy” de ter planejado o ato contra o bispo Dom Zacarias, principalmente porque na manhã do dia do atentado ele estava em Cajazeiras, viajando apenas à noite para Pernambuco onde lecionava na faculdade católica. Toda via aqui apresenta-se uma dualidade, tendo em vista que a comissão apresenta esse argumento, enquanto historiadores locais discordam de desavenças pessoais, isso é perceptível no relato de pesquisadores cajazeirenses como Chagas Amaro e José Antônio, nos quais defendem de forma eloquente que o padre Francis Xavier e o bispo Dom Zacarias não possuíam conflitos nem desentendimentos. Ainda segundo José Antônio tal atentado não foi organizado por ninguém de Cajazeiras, isso possivelmente se configura como uma tentativa de eliminar essa hipótese para que as outras pudessem seguir.

Apesar de toda a investigação, o departamento de polícia paraibana, cearense e pernambucana não conseguiu chegar a uma conclusão de autoria e repassaram o caso aos militares. Contudo em 1976 a uma devolução do inquérito para que com mais tempo os delegados dos três estados pudessem chegar a um desfecho final, segundo o relatório tudo indica que a bomba do cinema Apollo XI foi apenas provocações dos agentes militares da ala radical contra a abertura política proposta por Geisel. Segundo o documento:

Recebido o ofício da Auditoria Militar, o delegado Manoel F. de Souza Leão Neto assinou o seguinte despacho: “1) Determino [...] no sentido de destacar o APF Jaime Pereira para proceder investigações SIGILOSAS na cidade de Cajazeiras e arredores com vista a elucidação dos fatos. 2) Voltem, depois, os



autos ao Presidente do Inquérito. Em 22/2/1976” este foi o último procedimento policial do documento encontrado pela Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba nos arquivos do Serviço Nacional de Informação. (CEVPM-PB 2017, p.705)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se em todo o decorrer do trabalho narrativas historiográficas acerca do ataque ao cinema Apollo XI, no entanto, por inúmeros problemas, dos quais muitos foram apontados, como por exemplo, a inexistência de documentos locais para a investigação, a suspensão da polícia em analisar o caso, talvez por não encontrar os culpados, ou porque tenha encontrado os precursores na ala da repressão militar, nunca chegou-se a uma conclusão.

O acontecimento para alguns cajazeirenses tem um tom de mistério, tendo em vista que até agora não se sabe e não se tem evolução do caso. A Jornalista Mariana Moreira nos chama (historiadores) a prestarem contas com o passado da cidade e com o acontecido, é preciso dar continuidade a investigação, para que um dia a população saia do misterioso e vá para os fatos, esses que irão constituir a base da memória para um povo que em tempos difíceis, foram vanguardas na resistência ao golpe civil militar de 1964.

Apesar de inúmeros pedidos de retorno as investigações, esses nunca foram atendidos, passados 47 anos do ocorrido, para a população esse caso continua a ser uma incógnita. Percebe-se que muitos dos crimes acontecidos na ditadura militar não vinham à tona nem com a redemocratização, nem com a comissão da verdade, apesar de sua grande contribuição, até hoje existem documentos dos quais não são permitidos os acessos. Ao final deste trabalho espera que o leitor consiga perceber o jogo de interesses que moveu esse acontecimento, assim como questione-se a quem interessava o sigilo dos processos e a interrupção das investigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACENDINO, Janduy. 1 vídeo (28 min). **Segredos e Mistérios do Cine Apollo XI**, publicado pelo canal: Janduy Acendino, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t0BtnJVFipI> Acesso em: 03 nov. 2022.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O Governo João Goulart e o Golpe de 1964: da construção do esquecimento às interpretações acadêmicas. **Revista Grafia**. Vol. 9, 2012. pp. 175-191.



FICO, Carlos. Violência, repressão e sociedade. In: __. **História do Brasil contemporâneo: da morte de Vargas aos dias atuais**. São Paulo: Contexto, 2019 (História da Universidade). P.80.

GUEDES, Nonato. et al. (Orgs). **O jogo da verdade**. Revolução de 64 30 anos depois. João Pessoa: A União, 1994: P.03-12.

GUEDES, Nonato. Explosão de bomba em cinema de Cajazeiras completa 43 anos cercada de mistério. **Blog Guedes**, 25 de janeiro de 2018. Acesso em: 03/11/2022.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996 P.473-477.

MARCIEL, Ayrton. Jornal do comércio de Recife destaca a explosão da bomba Apollo XI.

Portal CZN, Cajazeiras 19 de abril de 2021. Acesso em: 01/11/2022.

MOURA, Cristiano. Cinema Apollo XI, **blog coisas de Cajazeiras**. Cajazeiras 04 de janeiro de 2022. Acesso em: 03/11/2022.

Paraíba. Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba.

Relatório final / Paraíba. Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba; Paulo Giovani Antonino Nunes, [et al.] – João Pessoa: A União, 2017.

ROLIM, Claudiomar Matias. Cine Apollo XI; um caso sem solução. **Blogspot Cajazeiras**, Cajazeiras 18 de janeiro de 2017. Acesso em: 03/11/2022.
